

# Incerteza eleitoral faz risco-Brasil subir 4,37%

Agência Standard & Poor's alerta para risco de moratória do setor privado, mas diz que dívida não é insustentável

Katia Luane e Patricia Eloy

• A confiança dos investidores financeiros no Brasil — medida pelo chamado risco-país — ficou mais uma vez abalada, ontem com as especulações em torno da nova pesquisa eleitoral do Ibope, que seria divulgada à noite. O indicador, calculado pelo JP Morgan Chase, fechou o dia com alta de 4,37%, em 1.862 pontos centesimais — que significam que o governo brasileiro tem que pagar, pelos títulos da dívida externa, 18,62 pontos percentuais mais do que os juros pagos pelo Tesouro americano por seus papéis.

O título da dívida externa brasileira mais negociado no exterior, o C-Bond, teve desvalorização de 3,08%, terminando o dia cotado a 56,91% do seu valor de face. Este é o segundo indicador internacional da confiança dos investidores externos.

Na prática, os estrangeiros

estão fugindo cada vez mais dos investimentos em países emergentes, buscando proteção dos papéis mais estáveis.

O estresse dos investidores contaminou todos os mercados. O dólar emplacou mais um dia de alta, de 0,87%, fechando a R\$ 3,24. Segundo os analistas, como a moeda americana já se valorizou muito — subiu 7,64% somente no mês de setembro — qualquer oscilação de preço para cima, o efeito é maior.

— As empresas brasileiras voltam a ficar em xeque e deverão ter novas dificuldades para rolar ou honrar suas dívidas em dólares — disse um especialista em câmbio.

## Retração americana e guerra prejudicam o Brasil

O fato de o risco-Brasil ter subido mais que o dólar justifica-se, segundo analistas, porque as incertezas internas (eleições e possível vitória da oposição) vêm acompanhadas

de outros fatores negativos de peso, como a queda de 0,3% na produção industrial americana — quando a expectativa era de uma alta de pelo menos 0,1% — e a insistência do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, em declarar guerra ao Iraque.

As declarações do presidente americano — “é hora de agir

contra Saddam” — acirraram os nervos dos investidores.

Ontem, durante uma teleconferência, a agência classificadora de risco Standard & Poor's (S&P) alertou que os bancos europeus com operação no Brasil podem sofrer os efeitos de um calote na dívida do setor privado brasileiro. No entanto, a agência ressaltou

que o impacto da moratória sobre as instituições não seria muito grande.

— A dívida externa das empresas brasileiras é relativamente alta e, nos próximos 12 meses, parte do débito vencerá ou sofrerá amortizações que poderão levar à moratória, a menos que as companhias consigam administrar

suas obrigações — afirmou Jesus Martinez, analista da área de Serviços Financeiros da Standard & Poor's.

De acordo com Martinez, a S&P não considera que a carga fiscal brasileira e a dívida do país sejam insustentáveis.

— No entanto, tanto o cenário externo como o interno restringem o espaço de atuação do governo e, por isso, a perspectiva de classificação do Brasil continua sendo negativa. Mas a agência não vê uma deterioração de cenário.

## Sinal amarelo para ABN Amro e Santander

Martinez disse ainda que a turbulência econômica brasileira afeta negativamente os bancos ABN Amro e Santander, pelo volume de suas operações no país.

— Os lucros poderão ser menores e eles poderão ter perda de valor dos seus investimentos por conta da desvalorização da moeda local. ■

ECONOMIA - BRASIL

Editoria de Arte

